

## Resenhas

**minha avó me fez anarquista**<sup>1</sup> | frank mintz\*

Stuart Christie. *My granny made me an anarchist* (the Christie file: part 1, 1946-1964 the cultural and political formation of a west of Scotland baby-boomer), [www.christiebooks.com](http://www.christiebooks.com), setembro de 2002, 257 pp.

Esta nova biografia de Stuart Christie surpreende porque difere em muito da primeira, *The Christie File*, de 1980, que destacava a detenção em Carabanchel e, na volta à Inglaterra, a vigilância policial e novas detenções. Desta vez, com *My granny made me an anarchist*, temos, como se deduz do título, um amplo panorama de uma geração, relatado com um estilo ameno e muito rico.

\* Autodidata. Entre outras publicações encontram-se Errico Malatesta, *Articles politiques*, Paris, 10/18, 1979, 439 pp., com o pseudônimo de Israël Renov e *Onevres*, de Piotr Kropotkin, Paris, Maspéro, 1976, 445 pp., sob o pseudônimo de Martin Zemliak.

<sup>1</sup> Tradução de Natalia Montebello.

A evocação e a homenagem à família escocesa destaca suas divisões religiosas, seu sectarismo inerente à Escócia. A avó do título (presbiteriana casada com um católico) “influenciou muito minha infância [...] Cavilando, parece que foi provavelmente minha avó que me fez anarquista. Quero dizer que com seu exemplo e sua sabedoria projetou-me um mapa moral claro e me ensinou um código ético indelével — uma espécie de calvinismo secular —, que me levou direta e inexoravelmente, através do emaranhado político e moral, ao anarquismo, que entendo como a única ideologia não religiosa que pretende a justiça social sem buscar a dominação social, política ou econômica sobre os outros” (p. 52).

Esta indagação a respeito do tempo vivido desdobra-se sob a forma de uma reportagem muito bem ilustrada sobre a vida de um jovem escocês e seu preconceito religioso, tanto dentro da família como no seu entorno. A evolução dos costumes com a influência entre os jovens das bandas dos Estados Unidos e da Grã Bretanha, o subsequente choque na vida provinciana, são mais importantes que as crises psicológicas e os debates interiores.

O incipiente movimento anti-nuclear britânico do Comitê dos Cem (com Bertrand Russell) foi o aprendizado político de Stuart, que depois entrou em cheio no movimento libertário. Stuart descarta a diplomacia ou a linguagem dúbia para falar de Freedom Press, tanto a livraria quanto a editora, cuja propriedade “tinha como detentor a Vernon Richards, que era considerado elitista, pois não era responsável por nenhum outro movimento ou pessoa que não fosse o excêntrico, irascível, prepotente e manipulador editor Vernon Richards” (p. 170). Com certeza Stuart tem razão na maior parte de suas críticas, mas deverá reconhecer que Vernon

Richards teve pelo menos três qualidades: seu livro *Ensinamentos da Revolução Espanhola* (retomando a argumentação de artigos da imprensa cenetista exilada de Pierre Besnard), sua antologia de Malatesta e sua tradução para o inglês do livro de Gastón Leval sobre a autogestão durante a Guerra Civil Espanhola.

A evocação da Espanha dos anos 60 é precisa, peca de certo otimismo sobre as greves de 1962. Stuart cansa-se das manifestações contra o franquismo e busca uma ação eficaz, para oferecer uma ajuda consistente à luta antifranquista. “Meus motivos se misturavam com o desejo de entusiasmo e de aventura, mas eu sentia que se fosse para fazer algo aventureiro só seria por uma coisa socialmente positiva, e oposta à própria auto-satisfação. Minha escolha consciente sobre como seria meu compromisso na luta antifranquista era a de ser um combatente, e não um assistencialista das vítimas de Franco. Atuar de outra maneira teria sido como fugir para frente, psicológica e intelectualmente. Eu me sentiria hipócrita ao escolher a opção fácil e tranqüila, mas inútil e ineficiente, das demonstrações, os piquetes e os panfletos, sem mostrar diretamente o chefe que era Franco” (p. 199).

Os primeiros contatos foram através dos irmãos Gurruchari. Pouco antes de sair para Espanha, em julho de 1964, Stuart participou de um programa de televisão sobre os anarquistas; por sorte, na montagem final, não apareceu a parte em que respondia afirmativamente à pergunta sobre se estaria disposto a assassinar Franco.

A militância em Londres nos meios anarquistas provocaram evocações dos meios políticos da época. De especial interesse são as relações entre determinados anti-nucleares e ultra-direitistas para trocar informa-

ções secretas sobre certos indivíduos. Intervém também o papel dos confidentes. A evocação do exílio cenetista de Londres destaca Soledad Portales e o grupo *Mujeres Libres*. Evoca-se a luta da guerrilha antifranquista, o seqüestro do Santa Maria, um navio português, a criação do setor de Defesa Interior, o DI, que deu novo vigor aos membros das Juventudes Libertárias na luta antifranquista. Stuart, sempre concreto, julga corretamente: “O DI estava mal formulado. Mesmo que pouca gente do exílio — se é que havia — estava bem informada nesse momento, o erro principal era confundir, diretamente, a luta clandestina dentro da Espanha com a burocracia de uma organização legalmente reconhecida no exílio, dado que esta não queria se ver implicada em coisa alguma que pudesse questionar seu estatuto relativamente seguro e favorável na França. O movimento no exílio estava também vigiado de perto pelos serviços de segurança, não só da nação anfitriã, França, mas também pela polícia secreta espanhola, que estava totalmente inteirada da criação do DI.” (p. 230)

Stuart descreve de dentro, evocando o caso de Delgado e Granado, que foram deslealmente (como era a jurisdição franquista) condenados a execução por vil garrote.

Ricamente ilustrado, bem escrito e sem preconceitos, este primeiro volume sobre o movimento anarquista inglês e o exílio cenetista incita a ler o próximo.